



Mensagem de Natal/2021

«Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor» (Lc. 2, 10-11)

Tal como tantos que ao longo da história da Salvação e, nomeadamente da história da Igreja, celebramos o Natal de Jesus de Nazaré na expectativa, na esperança, mas também na perplexidade, no receio e no sofrimento.

É a pessoa humana na sua transcendência e na sua dignidade, com todas as suas aspirações e expectativas, mas também a mesma pessoa situada, real, envolvida na cultura que a rodeia e que a implica, assumindo a história presente sua e de toda a humanidade que é chamada a celebrar o Natal de Jesus de Nazaré.

Nas narrativas do Nascimento de Jesus deparamo-nos com dois movimentos. O primeiro parte de Deus que envia à nossa humanidade o Seu Filho, igual a nós excepto no pecado; o segundo diz respeito a cada pessoa e a cada comunidade convidando a que se desloquem do seu comodismo e fixismo para se abrirem à novidade que este facto inaudito e surpreendente traz da parte de Deus para renovar a pessoa, a sociedade e a humanidade no seu todo.

Eis o primeiro convite que sinto o dever de dirigir a cada pessoa, a cada comunidade e à sociedade em geral: não tenhais medo de aceitar e de vos abirdes a esta novidade que constantemente nos desafia, na nossa inteligência, na nossa sensibilidade, nos nossos objectivos e critérios, nos nossos modelos de vida e nas nossas dúvidas e certezas.

Estamos envoltos no medo, mais nítido ou encapotado. O homem actual tem medo de si mesmo, dos outros, do futuro, da renovação e da mudança de comportamentos. Instalado no seu conforto olha para os outros com medo do retirarem do seu comodismo.

É urgente escutarmos a voz que, tal como o Anjo junto dos pastores de Belém, convida a não ter medo e a avançar no caminho que nos leva

ao encontro dAquele que todos procuram, que não se restringe a uma ideologia, a um projecto mundano ou a uma construção racional ou social, mas que, para saciar a sede de infinito do ser humano, só poderá ser o «Messias Senhor».

Este itinerário que nos leva ao encontro de Jesus de Nazaré que na simplicidade do presépio nos convida ao despojamento, terá de ser feito acompanhados com todos os nossos irmãos, edificando neste caminho uma autêntica fraternidade.

Di-lo o Papa Francisco ao afirmar que «o ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude “a não ser no sincero dom de si mesmo” aos outros» (FT, 87). Aliás, «não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: “só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que me comunico com o outro”» (FT, 87).

Na verdade, «isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar» (FT, 87). Realmente, «aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade» (FT. 87).

O segundo convite diz respeito à alegria. Refere o texto evangélico que o Anjo, mensageiro celeste, se dirigiu aos pastores convidando-os à alegria.

Se estamos num mundo de medos que ergue muros de separação entre uns e outros, pobres e ricos, excluídos e instalados, poderosos e escravos, cultos e analfabetos, miséria e opulência, então, é urgente percorrer outro caminho que nos é apontado e que nos leva ao encontro de Jesus de Nazaré que nos ensina com gestos concretos os fundamentos de uma nova humanidade.

Partilho do sonho do Papa Francisco, quando diz que «como cristãos, não podemos esconder que, “se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que

encontra a sua fonte no facto de nos sabermos sempre perdoados-enviados» (FT 277).

Mais ainda, «se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher» (FT, 277).

Se é verdade que outros bebem doutras fontes, «para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo» (FT, 277). De facto, «Dele brota, “para o pensamento cristão e para a acção da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos”» (FT, 277).

Daí o terceiro convite e que vai dirigido para a missão que compete a cada um em tornar visível e efectiva a acção renovadora do Evangelho que começa por nos despertar para novos comportamentos, novas atitudes e nova opções, a partir do presépio onde nos deparamos com o Filho de Deus, encarnado na nossa natureza, na fragilidade de um recém nascido, despojado de tudo, desafiando-nos a percorrer os caminhos da comunhão, da solidariedade, da fraternidade e da opção pelos mais frágeis e excluídos.

Que neste Natal, os pobres e excluídos se sintam na Igreja «como na sua verdadeira casa»; que a comunidade cristã seja a sua verdadeira família; e que se sintam reconfortados e dignificados pelo amor e comunhão que brota da prática da fé cristã.

Se todos nos empenharmos, do Natal nasce um mundo novo.

Apresento a todos os diocesanos, aos sacerdotes, religiosos(as) e consagrados(as), a todos os leigos empenhados na vida e missão evangelizadora da Igreja, aos pobres, prisioneiros e excluídos, aos emigrados, aos idosos, aos enfermos e os que vivem na solidão, mas também às famílias, às crianças e jovens e a todos os que se dedicam ao serviço público na promoção da dignidade humana e do bem comum um santo e feliz natal.

+ *João Evangelista Pimentel Lavrador*
(+João Evangelista Pimentel Lavrador, Bispo de Viana do Castelo)